

SÉRIE ALTERJOR – VOLUME 2

A CIÊNCIA DO JORNALISMO (& MUITO MAIS)

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Felipe Parra de Oliveira

(Organizadores)

ECA-USP - 2023

A Didática do Jornalismo: Princípios e desafios para a formação do professor de comunicação

Luciano Victor Barros Maluly¹²⁰

Introdução

As disciplinas de pós-graduação em Ciências da Comunicação no Brasil possibilitam aos estudantes encontrarem um caminho para as suas pesquisas, seja em nível de mestrado ou doutorado. Assim, surgem os referenciais teóricos e metodológicos que conduzem a investigação. Uma fase difícil em busca do alicerce do projeto. Paralelamente, tem-se que pensar em uma outra demanda que está vinculada às necessidades pessoais, profissionais e acadêmicas: a prática da docência.

Uma das explicações para o vínculo entre estas atividades está no fato das vagas para lecionar em universidades públicas e, em parte, também em algumas instituições privadas, juntarem-se os labores da pesquisa com o da docência. Em muitos casos, o fato de ser professor já o credencia a ser pesquisador e vice-versa. Sendo assim, essa estratégia de contratar apenas um profissional para exercer a docência e a pesquisa é uma forma, em parte, de contenção de gastos. Dentro dessa política, os pós-graduandos estão sendo preparados, diretamente, também para serem professores.

A monitoria é vista como uma alternativa para o desenvolvimento pedagógico. Aprende-se na prática as dificuldades da sala de aula. O professor responsável por uma disciplina na graduação realiza um trabalho didático-pedagógico em que o monitor está inserido no processo de aprendizagem. Ou seja, o pós-graduando é, ao mesmo tempo, aluno e professor, mesmo que visto como um auxiliar de ensino.

Geralmente, os cursos de graduação em jornalismo possuem um projeto pedagógico já estabelecido, com as disciplinas sendo oferecidas e ministradas dentro de uma base conceitual. Seria difícil fugir das amarras da tradição, como observado no período de transição dos jornais, de impressos para digitais; ou mesmo na questão das multiplataformas quando da inserção de produtos em audiovisual; e até mesmo na divulgação de uma cobertura jornalística nas diversas mídias sociais; entre outras preocupações. Ficou quase impossível produzir um vasto conteúdo e alimentar as redes

¹²⁰ Doutor em Ciências da Comunicação e professor do Curso de Jornalismo, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br

em massa, simultaneamente. Para isso, os jornais necessitariam de muitos e versáteis profissionais, o que se mostra inviável. A saída foi fazer um produto simples e, somente quando possível, com profundidade.

Apesar de várias tentativas, a base dos cursos de jornalismo continuou a mesma, com os professores/pesquisadores adaptando o velho sistema de ensino ao novo meio de transmissão. Escrever bem, ser ético (e versátil) e ter uma “cultura geral” sempre foram fatores essenciais para o sucesso na profissão, assim como a habilidade no uso dos equipamentos (e, assim, da tecnologia) durante todo o processo, da produção até a veiculação.

Fotografia, rádio, televisão, impresso e planejamento gráfico continuam sendo palavras de ordem, mesmo em um mundo digital recheado de novidades. Cada vez mais, o futuro preocupa os teóricos da Comunicação e do Jornalismo. Com isso, as disciplinas oferecidas nos cursos de pós-graduação ganharam uma nova importância, tanto para a pesquisa, quanto para a docência, justamente por prepararem esses futuros profissionais para os impactos tecnológicos e as demandas sociais que se aproximam.

Ministrar aulas nos cursos de jornalismo é uma dura missão. Nem sempre um excelente profissional ministra uma boa aula e, assim, essa realidade também vale para o pesquisador que passou parte de sua vida nas instituições de ensino. Vale lembrar que, em ambos os casos, o mais importante é estudar muito e preparar as aulas regularmente.

A intenção deste ensaio é desenvolver um plano de trabalho voltado ao ensino do Jornalismo, ou melhor, revelar o passo a passo para uma aula de qualidade no curso de graduação. Para isso, utilizaremos diversas disciplinas voltadas ao ensino da comunicação como base para a elaboração do conteúdo programático. Esperamos, assim, compartilhar minha experiência de 25 anos de carreira, sendo metade dedicada à Universidade de São Paulo.

Princípios

Minha falecida mãe, Maria Aparecida Barros Maluly, atuou como professora do ensino fundamental por mais de 30 anos. Lembro quando ela orientava as colegas iniciantes na difícil tarefa de ensinar. Pegava um giz e rabiscava o quadro sinótico na lousa, ou mesmo em um caderno ou papel (cartolina). Meus primeiros passos surgiram nesse caminho, nestes tópicos e escolhendo as “palavras-chaves” que orientariam a

minha aula. Para isso, lembro dos três princípios da Dona Cidinha para quem desejava ser um bom professor: “estudar, estudar e estudar”.

Como docentes, nem sempre somos contemplados para ministrar disciplinas em que o conteúdo é composto por assuntos que gostamos, estudamos e/ou conhecemos com maior profundidade. Além do mais, os cursos de graduação já possuem um projeto pedagógico em que a grade está planejada com disciplinas específicas. Muitas dessas matérias já foram ministradas por importantes mestres ou mesmo ganharam popularidade entre os alunos, fatores que compõem a “cara” do curso perante a proposta da instituição de ensino. Sendo assim, vale à pena seguir, em parte, o modelo que já está tramitando. Porém, procure aplicar novas ideias e atualizar o conteúdo diante das tendências. Com isso, a partir da ementa da disciplina e do projeto pedagógico do curso, procure montar um cronograma a partir do número de aulas. Demonstraremos, agora, uma base para a montagem dos tópicos das aulas (teóricas/práticas) a serem aplicadas:

1. Apresentação da disciplina: talvez seja o momento mais importante do curso, em que você conhece as pessoas – discentes, técnicos, monitores, docentes etc. – com quem vai trabalhar durante o semestre. Além disso, demonstra o “passo a passo” do curso, das atividades à avaliação. Uma técnica apurada em que cada detalhe é percebido pelo aluno por meio da demonstração dos objetivos do curso. Lembre-se de responder as questões que compõem o termo em inglês *lead*, uma das palavras mais ouvidas ao iniciar o curso de Jornalismo: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Uma disciplina de jornalismo começa por aí, respondendo perguntas e trazendo respostas teóricas e práticas que auxiliarão o aluno a entender o Jornalismo. Quando cursei a disciplina de Didática da Comunicação, durante o curso de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), o professor Onésimo de Oliveira Cardoso nos atraía com questões em torno da importância da docência e seu envolvimento com a disciplina e o curso. Assim, o primeiro momento é de demonstração de que está dedicado e determinado a ensinar. A proposta é de uma mudança com um “algo a mais” que está por vir. O programa precisa ser claro diante de seus objetivos, passando pela parte teórica e prática, mas também é essencial revelar as novidades aos poucos, para não gerar estranhamento e pânico logo no início.

2. **Contexto:** as aulas iniciais podem ser trabalhadas dentro de um contexto de apresentação da filosofia do curso, ou seja, pelo entendimento sobre os autores e as obras de referência, assim como de informações sobre os produtos relacionados ao tema e que marcaram época, especialmente as publicações e produções que ficaram conhecidas pelo público. José Marques de Melo foi um dos principais pesquisadores e professores da história do Brasil. Eu tive o privilégio de ser seu orientando de mestrado na UMESP. Lembro que o professor Marques de Melo, quando viajava para outro país, sempre me presenteava com um livro sobre jornalismo esportivo, que era o tema da minha dissertação. A primeira aula de pós-graduação que tive com ele foi determinante para meu futuro como professor e pesquisador. Nela, nosso mestre apresentou uma ampla biografia dos autores (vida e obra), assim como as produções correlacionadas, entre elas, outras publicações e participações na mídia e em eventos. Uma aula fantástica e que aplico até hoje na Universidade de São Paulo.

3. **História:** os registros sobre o tema demandam um esforço a mais do docente que busca as marcas que compõem o seu material. Torna-se um desafio, como um retorno ao passado, em que o analógico e o digital se completam. É nesse momento que o pesquisador aparece e organiza os “exemplos” a serem distribuídos durante as aulas. Revelam-se os temas e figuras abordados no livro Para Entender o Texto: Leitura e redação de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli (2006). Torna-se fundamental manter um arquivo físico e digital como um acervo para compartilhar com a turma e, assim, reforçar os referenciais e a capacidade de pesquisar.

4. **Teoria:** este tópico destaca os pontos críticos e que geram diversas discussões entre os teóricos da Comunicação e do Jornalismo. É uma continuidade dos dois tópicos anteriores e, por isso, alguns termos – Meio, Mensagem, Notícia, Linguagem, Objetividade, Pauta, Ética, Jornal, Gênero, Opinião Pública, entre outros – começam a integrar o cotidiano da sala de aula. Muitas vezes, o professor necessita mais do que uma aula para compor este difícil quadro, mesmo quando para explicar uma única questão, como dizia o professor Manuel Carlos Chaparro, em suas aulas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na ECA-USP: “O que é Jornalismo?”

5. **Produção:** o universo das redações e dos laboratórios, incluindo os estúdios audiovisuais e em multimídia, começa a integrar o cotidiano dos estudantes de Jornalismo. Sendo assim, é possível unir a teoria e a prática por meio exercícios e

trabalhos, especialmente utilizando celulares. Muitas produções de classe são voltadas às práticas cotidianas (textos, locuções, produções, entre outros) e merecem alguns cuidados editoriais por parte da equipe, especialmente por parte do docente. No primeiro contato, os exercícios são passíveis de erros que serão analisados e corrigidos posteriormente. O importante é que esse treinamento seja permitido e aberto aos estudantes. Os exercícios são individuais no início, e são feitos minuciosamente, seguidos de um *feedback* da equipe – docentes, técnicos, monitores, colaboradores etc. Logo depois, quando planejado, o grupo, incluindo os estudantes, faz uma seleção daquilo que será publicado. A cada aula é possível construir uma produção, que pode ser em: texto, *podcast*, vídeo ou outra plataforma. Os produtos são publicados em espaços de jornais-laboratório, seja no tradicional jornal, nos murais, nos programas de rádio e de televisão, ou até nos já conhecidos sites, *blogs* e mídias sociais. Assim, essas produções são concretizadas, como sempre reforça o professor Plínio Martins Filho, um dos principais editores da História do Livro brasileiro, em suas aulas do curso de Editoração da ECA-USP. Os produtos são também uma possibilidade para as disciplinas teóricas, já que o Jornalismo se dinamiza como um espaço de informação e debate. Sendo assim, muitos trabalhos elaborados em sala de aula acabam sendo divulgados pelos alunos e professores. Essa produção ficou mais fácil no atual momento digital e, por isso, nada se joga fora. Nesse contexto, os alunos acabam tendo uma prática indireta do processo de produção da notícia, desde a captação, produção, edição e transmissão, resumindo as etapas. O universo da sala de aula ganha, assim, um ar de redação, com as apresentações, palestras, trabalhos etc.

6. Convidados: observe que ainda estamos na etapa da construção teórica, em que os alunos se familiarizam com os conceitos, os termos, os nomes, os títulos e os pensamentos. Esse momento também é voltado à reflexão e, assim, surge a oportunidade de convidar pessoas, particularmente especialistas, que podem auxiliar o grupo na construção de uma ideia sobre o tema central da disciplina. Independentemente do formato – palestra, debate, mesa-redonda ou outro –, é possível inserir novos elementos à discussão, com a possibilidade de troca, ou melhor, de interação entre os participantes. Indiretamente, um conjunto de atividades jornalísticas começa a ser desenvolvido, especialmente diante da elaboração da pauta. A pesquisa começa a ser aplicada pelo aluno, com vistas a um conhecimento prévio sobre o tema e

o autor. Esse fator facilitará o processo de intervenção durante o debate, ou mesmo em uma entrevista direta no caso de uma reportagem. Os alunos também podem aprender com o processo de organização de eventos para a gravação destes programas, escolhendo o local, as formas de gravação e transmissão, além do planejamento de roteiro, dos formatos, do cerimonial, entre tantos pormenores que envolvem uma ação deste porte. A professora Maria Helena Cavazotti Viana, do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina, tinha uma interessante técnica para o trabalho voltado à participação de diversos colaboradores: durante as aulas, ela distribuía e orientava os grupos que tinham como objetivo encontrar um entrevistado para debater um tema que havia sido abordado em sala de aula. Assim, organizava-se a sala, com o posicionamento do mobiliário – as carteiras e cadeiras, a mesa (com água) etc –, papel e caneta, além da câmera quando se desejava gravar. O uso do computador e outros aparelhos digitais não era comum na época, mas hoje é, claro, um objeto necessário para a apresentação de um trabalho. Diante do convidado, os alunos eram responsáveis pelo contato, recepção, pauta, mediação, agradecimentos, divulgação e produção de material jornalístico durante todo o processo. No final, a professora avaliava o trabalho de equipe. Uma aula que também aplico até hoje aqui na USP, como uma fase de Iniciação ao Jornalismo.

7. Redação: escrever é a base do jornalismo, sendo fundamental ter um cuidado com a redação, independentemente da plataforma. Sendo assim, as primeiras aulas práticas demandam uma atenção especial à língua e, por conseguinte, ao desenvolvimento do estilo. O professor Dirceu Fernandes Lopes ficou conhecido no curso de Jornalismo da ECA-USP por seu trabalho incessante em defesa do jornais-laboratório (1989). Chamávamos o seu trabalho de “chão de fábrica”, por ensinar a dura missão de escrever um texto claro e objetivo, sem perder as características que fazem a diferença no Jornalismo. A habilidade era uma conquista mesmo para os alunos que já tinham uma certa aptidão para o ofício. O conjunto de formatos e gêneros jornalísticos, como nos ensinou os professores José Marques de Melo (1985) e Manuel Carlos Chaparro (2008), são importantes ferramentas para o aperfeiçoamento de técnicas de escrita, tanto para o texto informativo, quanto para o opinativo. O trabalho pode ser iniciado com a elaboração de crônicas, com cada aluno produzindo um texto sobre suas memórias, ou melhor, fatos que marcaram a sua vida, no esporte, por exemplo, ou sobre

uma informação relacionada ao meio ambiente. A crônica facilita o contato com outros formatos, como o artigo, o comentário, a resenha, a coluna, o editorial, entre outros que podem exigir uma investigação detalhada e, assim, uma precisão diante dos fatos. A liberdade da crônica também auxilia o aluno no primeiro contato diante do texto jornalístico, como uma forma de “destravamento”, ou de “soltar as mãos”, e não ter medo de errar, já que o texto passará por uma edição. Ao final, quando o texto estiver pronto, o autor observa que é o responsável por aquele conteúdo e isso garante uma certa segurança para futuros trabalhos. Um segundo momento é destinado aos textos informativos, com a reportagem sendo um exercício predominante, pois envolve os diversos elementos do texto. Com isso, o trabalho começa com a pesquisa prévia do assunto, a visita “técnica” ao local, as entrevistas *in loco* ou à distância, a sensibilidade, a interpretação, o alinhamento com a política editorial do jornal (neste caso do espaço onde será divulgado o conteúdo da disciplina), entre outras. Trata-se de um trabalho em grupo, em que docentes e discentes conduzem o processo de produção, especialmente a experiência da edição.

8. Externas: o trabalho fora da sala de aula é um componente fundamental para o desenvolvimento de uma disciplina na graduação em Jornalismo. O contato com o cotidiano revela os detalhes que são exemplificados e reproduzidos pelo professor durante as aulas expositivas. Mesmo as disciplinas teóricas merecem ser ampliadas por meio de uma visita técnica a espaços abertos. Tive a honra de ser aluno do professor Marinósio Trigueiros Neto, no Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. Durante as aulas, o mestre levava a turma a acompanhar o cotidiano crítico da cidade, desde uma invasão de terra, ao centro comercial, ao Instituto Médico Legal (IML), um jogo de futebol etc. Além disso, também tive professores que organizavam visitas às sedes dos jornais e emissoras, também exposições e apresentações culturais, eventos científicos, espaços de preservação ambiental e até mesmo casas de personalidades, entre outras situações que, posteriormente, convivemos durante a profissão. Foi muito legal! Sendo assim, sempre programamos uma atividade extra para dar um respiro para além do espaço da faculdade. Os trabalhos de campo traduzem o tripé pesquisa, ensino e extensão e, por conseguinte, despertam ao exercício do Jornalismo.

9. Trabalhos individuais e coletivos: Uma parte dessas produções jornalísticas realizadas durante a disciplina é individual e a outra em grupo, com os alunos a desenvolver habilidades nas duas frentes. Assim, trabalham-se questões particulares que podem ser aplicadas ao jornalista, como o gosto pelo esporte ou pela cultura; e outras em grupo, como a interação e a conscientização diante dos problemas sociais. São apenas exemplos diante de uma enorme gama de situações a serem vivenciadas durante o exercício da profissão. As mudanças tecnológicas impactam o jornalismo a todo o momento, com impactos na forma e no conteúdo. A especialização acaba sendo um desses atalhos de adaptação, mas também cabe ao jornalista estar aberto para outros desafios que exigem dele um trabalho de qualidade, como observado durante o período de pandemia, com a necessidade do trabalho remoto. Sendo assim, sempre peço para os alunos realizarem trabalhos individuais, como uma reportagem e uma crônica; e outro coletivo, com a produção de programas completos. Da mesma forma, esse trabalho pode ser entendido para a confecção de livros e jornais, assim como na organização de eventos. É sempre um trabalho árduo e que mantém a dinâmica do grupo, sem perder a individualidade.

10. Produto final: além das provas e exercícios, o produto final é o ponto alto da disciplina. Muitas vezes, esses materiais são publicáveis, como já dissemos. Os cursos práticos em Jornalismo já têm a produção de periódicos como uma proposta pedagógica dentro do processo. Sendo assim, os produtos oriundos vão desde o jornal impresso, aos programas de rádio e televisão, exposições fotográficas, meios digitais (dos sites às mídias sociais), entre outros. Muitas vezes, as apresentações de seminários também são gravadas, assim como os exercícios acabam virando uma publicação, como é o caso de cadernos de crônicas ou livros-reportagem trabalhados em sala de aula. Não podemos esquecer dos Trabalhos de Conclusão de Curso, que determinam o grande momento do curso de Jornalismo. Geralmente, a memória do aluno fica marcada nesse momento. Lembro da minha primeira publicação na faculdade. Tenho esse exemplar até hoje.

11. Avaliação: a avaliação é o momento mais delicado e difícil para os professores e alunos, afinal, é a devolutiva de todo o trabalho desenvolvido. O mais importante é o diálogo que permeia a possibilidade de avanço, ou seja, a avaliação pode ser vista como o conjunto de fatores que ajuda a interpretar os acertos e os possíveis erros e problemas. Assim, os envolvidos são os sujeitos do processo que estão a “melhorar ainda mais”.

No Jornalismo, a produção de materiais é uma constante, como já dissemos, sendo que as tarefas são divididas e diferenciadas. Assim, dependendo da situação, a avaliação depende das funções de cada aluno: editor, pauteiro, produtor, redator, repórter, entre outras. O mesmo acontece nas disciplinas teóricas, que envolvem os trabalhos e provas. Não podemos esquecer ainda de avaliar o envolvimento do aluno durante as demandas da disciplina, Muitos alunos são dedicados e procuram auxiliar nas atividades de sala de aula, inclusive dando sugestões que são analisadas e que podem ser incorporadas pelo professor e pela turma. Por um ponto de vista, o professor avalia e o aluno se autoavalia. Há conflitos que fazem parte deste momento e o gerenciamento de ambos os lados também é parte do aprendizado. Uma das principais avaliações que pude participar foi do professor Miguel Luiz Contani da Universidade Estadual de Londrina. Nela, o professor perguntava, independentemente da avaliação: quais as “janelas” que foram abertas durante aquela disciplina de Língua Portuguesa? A resposta cabia a cada um.

Considerações finais

Cada professor tem sua metodologia de ensino e, por isso, alguns fatores enumerados acima serão desconsiderados, e outros possivelmente introduzidos. Assim, este ensaio é aberto, como um ponto de partida para futuras discussões. Temos muito o que aprender ainda na questão didática-pedagógica, inclusive na exploração das características individuais dos professores e dos alunos. Busca-se uma forma de trabalhar os talentos por meio da diversidade, evitando a padronização, no nosso caso diante do “fazer jornalístico”. Trabalhar o estilo parece ser uma saída, mas respeitando a ética da profissão. Uma pergunta que fica é:

Somos capazes de gerir esse processo?

Uma das principais preocupações do professor é estimular o aluno para prestar atenção nas aulas e fazer as atividades solicitadas. Uma tarefa que deve ser administrada com sabedoria e diálogo, mostrando a importância daquele conteúdo para o sucesso na profissão. Sendo assim, a proposta do docente é conduzida por meio de suas características, que podem ser determinadas inclusive por surpresas que estavam ausentes do programa. Observe que o educador se depara com novidades a todo o momento, que compartilha com seus alunos. Logo, a pesquisa é um fator contínuo na carreira e na universidade, sendo a curiosidade aguçada continuamente.

Estamos sempre ligados, especialmente agora com o acesso digital em expansão. Replicar diferentes recursos é, assim, uma maneira de ampliar as formas de ensino, aguçando os sentidos. Escolha com cuidado a sua "surpresa" e não exagere: pequenos trechos de um programa, a leitura de um trecho impresso, um convidado, uma visita técnica, o uso do laboratório – das novas plataformas aos aparelhos –, um exercício, uma publicação, entre outras modalidades, são experiências além da aula expositiva. Os encontros ganham uma dinâmica que atrai o aluno pelo simples prazer de conhecimento.

O incômodo é uma constante no trabalho do professor de Jornalismo que lida com discussões teóricas e com a prática ligada às produções jornalísticas. Independentemente da referência do docente, se profissional ou acadêmica, aprende-se a lidar com as duas frentes – teórica e prática – em uma única aula. Cabe ao mesmo também estar preparado para novos desafios e, assim, também aprender com o processo. Um bom papo com os companheiros de profissão auxilia a descobrir “o que está acontecendo no mercado e na universidade”, como forma de estar atento às tendências. Também será possível revisitar velhos clássicos, para não se esquecer de lutar pelas causas sociais e, assim, diminuir a desigualdade no Brasil e no mundo. Injustiças existem e os jornalistas lidam, periodicamente, com situações que envolvem os destinos das pessoas e da natureza.

A Didática do Jornalismo merece uma ampla discussão que envolve às Ciências da Comunicação. O acesso às pesquisas desenvolvidas na universidade precisa chegar ao conhecimento não só do grande público, mas especialmente dos profissionais de Comunicação. O mito do distanciamento entre mercado e academia já acabou há tempos. Precisamos, agora, de uma nova discussão sobre a formação do jornalista, por meio de uma formação ampla, que possibilite o desenvolvimento das habilidades. Com isso, os repórteres saberão lidar com as situações do cotidiano de forma rápida, ética e segura.

A padronização do ensino descaracterizou o sujeito que procura, ainda mais, reproduzir do que descobrir novas formas e necessidades ao seu redor. Libertar-se das amarras e revistar os conceitos do Jornalismo vale muito a pena, assim como interpretar as questões que estão sendo debatidas nos jornais, independentemente do meio, e na universidade.

A pauta é a questão central da chamada Ciência do Jornalismo, porque partimos dela para investigar as notícias e seus entornos. O professor é o sujeito atento: pesquisador, jornalista e educador ao mesmo tempo. Seu compromisso é dar o melhor de si para a formação dos alunos. Por meio das produções, exposições e debates, surgem as reflexões e o gosto pelo ensino. Para encerrar, sempre repito uma fala do professor Adílson Odair Citelli, da ECA-USP: “quando eu vejo os olhinhos dos estudantes brilhando, sinto que o tempo parou e que meu ofício de professor está mais vivo do que nunca”. Relembro dos meus professores e como queria revê-los, para agradecer individualmente, por meio de um abraço e um presente de recordação. Da mesma forma, gostaria de encontrar cada aluno e aprender Jornalismo por cada história de vida deles.

Referências

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar:** travessias por uma nova teoria dos gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2006.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório:** do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.